

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 232p.

*Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos* traz à discussão questões pontuais no âmbito da temática (polêmica) do pós-modernismo e suas implicações para a teoria educacional crítica, refletindo-se, portanto, em elementos significativos da análise atual do pensamento pedagógico.

No interesse de indicar alguns desses elementos, buscar-se-ão, em cada capítulo e autor, aspectos que exemplificam sua contribuição.

Assim, Peter Mc Laren, em "Pós-modernismo, pós-colonialismo e Pedagogia", discute o colonialismo e seus reflexos em processos de dependência política e de discrimi-

nação social, em que o discurso (em seu caráter cambiante, em sua manipulação, em seu poder) interfere, de modo expressivo, nas relações.

O enfraquecimento das fronteiras, que distinguem ou distanciam as disciplinas, e seus efeitos nas configurações epistemológicas e culturais da "era" pós-moderna são fatores que se acrescentam às injunções políticas, provocando muitas indagações:

"qual é a tarefa de recuperação cultural numa era de fronteiras culturais cambiantes, de insegurança dos símbolos culturais tradicionais, de apagamento das fronteiras lingüísticas e metafóricas, de avanço e recuo de posições de sujeito ao longo de regimes discursivos dominantes, de colapso de estruturas institucionalmente limitadas de significado e de reterritorialização do desejo com respeito às formações de alteridade cultural que criamos?" (p. 17)

Questões deste porte requerem um aprofundamento da compreensão das relações entre educação e sociedade, entendendo que essas relações solicitam um quadro teórico de

reflexões mais dinâmico, em que se confrontam os processos de reprodução e produção, de manutenção ou enfrentamento dos fatores de privilégio econômico e cultural.

Chega-se, com essas considerações, às "Novas tendências na teoria social crítica", observando-se um "refinamento adicional das categorias teóricas" (p. 19), que propicia uma compreensão mais apurada das formas de construção do conhecimento, ampliando as possibilidades e alternativas da sua problematização. Fortalecem-se, neste sentido, as percepções da intencionalidade e do interesse que orientam as análises epistemológicas, fortalecendo-se, também, a compreensão das relações econômicas, históricas, políticas, enfim, das relações que constituem, ao mesmo tempo, o entorno e a substância social dos fatos e do conhecimento que deles se aproxima.

Os discursos, enquanto vetores de princípios e conceitos (notando-se as implicações, causas e os efeitos da mediação socio-cultural da linguagem), as questões de classe, raça, gênero, a identidade,

a diferença, a subjetividade e a objetividade, a consolidação da proposta da pedagogia radical, o relativismo, o historicismo e a solidariedade (enquanto elementos que auxiliam o debate que focaliza os fatores e impasses da transformação social e da consolidação de uma política educacional emancipatória) são alguns dos pontos nodais da discussão teórico-crítica em foco, entendendo-se (e sublinhando-se), contudo, como assinala Dick Hebdige, que o "pós-moderno" deve ser pensado na sua diversidade e pluralidade de aspectos, especialmente os provocativos e instigantes para o debate sobre uma política cultural que invista em renovações socioeducacionais significativas.

Essa discussão é complementada por Henry Giroux quando focaliza o "Pós-modernismo e o discurso da crítica educacional". Giroux questiona a racionalidade, que explica a ciência e a tecnologia como fatores que asseguram o desenvolvimento social, atribuindo à educação o papel de comunicar às novas gerações essa certeza e, portanto, sedimentá-la e justificá-la. Esse tipo de perspectiva (entre outras)

convoca a uma postura crítica que se anteponha (mas não frontalmente) às condições e circunstâncias dos argumentos pós-modernos.

E Giroux configura, então, as bases teóricas que elucidam não só o significado mas a condição da pós-modernidade. Essa configuração também esclarece os temas que se destacam nos discursos, revelando posições conservadoras e radicais, observando-se a importância de que se percebam e se confrontem os nexos entre essas posições.

Quanto ao significado do "pós-modernismo", Giroux assinala a complexidade e a falta de consenso, recorrendo a discussões como as de Jean-François Lyotard, Frederic Jameson, Allan Bloom e Daniel Bell e outros, na demonstração da variedade de posições.

No mapeamento da condição pós-moderna, Giroux questiona uma situação de ruptura em relação à modernidade, reconhecendo, entretanto, no âmbito complexo de sua caracterização, a emergência de novos estilos e nuances de crítica cultural. E, assim, o modernismo redefine-se e reescreve-se numa gama de narrativas que procuram

expressar o traçado atual dos elementos sociais, científicos, políticos, históricos, técnicos, enfim, elementos da "era", do tempo que se define — ou redefine — como pós-moderno. Para entender este último, supera-se o "velho modelo marxista base/superestrutura" (p.47), ao qual se acrescentam referentes (dos modelos econômicos, das novas figuras culturais, perspectivas de crítica e suas manifestações nos discursos) para a compreensão e o enfrentamento das mudanças sociais, culturais, epistemológicas, que se refletem na educação. E, no movimento que avança ou retém a evolução dos conceitos e das categorias de análise, as perspectivas progressistas confrontam-se com as reacionárias.

Na perspectiva progressista, reconhece-se a crise da totalidade e do fundacionalismo, que se associam ao reconhecimento da importância de que se evolua na consideração da cultura popular, com atenção, também, às culturas dos grupos minoritários. Destaca-se, ainda, a ênfase na problemática da alteridade, que incorpora questões

como a contramemória histórica, o valor histórico e cultural do cotidiano, a compreensão histórica do gênero e suas representações individuais e sociais, e uma "... inclusão do contingente, do descontínuo e do não-representável como coordenadas para remapear e repensar as fronteiras que definem nossa existência e lugar no mundo" (p.55).

A crise da linguagem, da representação e da agência — que remete à crise dos significados, sublinhando a necessidade do exame crítico dos discursos e da própria noção de subjetividade — instiga os debates que se fazem *por* e *para* uma teoria — mais ampla e profundamente sustentada — do processo de escolarização e da proposta de uma pedagogia e de uma democracia crítica e radical.

Assim, das "Definições", que constituem a primeira parte do livro, às "Posições", que constituem sua segunda parte, as análises complementam-se nos pressupostos teóricos e nas argumentações.

London E. Beyer e Daniel P. Liston organizam sua discussão em torno do tema "Discurso ou

ação moral?", uma crítica ao pós-modernismo em educação, focalizando questões como a racionalidade aplicada ao conhecimento escolar, às relações entre o individual, o particular e o contextual; à problemática que envolve as situações, os fatores e as circunstâncias da opressão e da discriminação, encaminhando fortes apelos à pesquisa educacional. Nos focos dessa crítica, incluem-se as metanarrativas, o realismo e, também, a metafísica, que inspira as afirmações de conhecimento, a uniformidade no discurso e nas ações.

As "posições" de Beyer e Liston podem ser integradas às de Svi Shapiro no horizonte da sua análise, que se orienta pela indagação: "O fim da esperança radical? O pós-modernismo e o desafio à Pedagogia."

Shapiro, ao mesmo tempo em que reafirma a indefinição do pós-modernismo, observa a "influência do pensamento pós-moderno em quase todos os campos da prática humana", podendo-se, então, perceber "sinais de uma nova época" (p. 103).

No campo educacional, os sinais dessa influência se dão nos desafios à Pedagogia Crítica, especialmente quando se consideram as alegações pós-modernistas que desviam e desqualificam, pela interpretação metafísica, as percepções da realidade. Nesta mesma direção de análise, pontuam-se questões como a "hiper-realidade" e o fim da crítica pública, a própria incorporação — mais que representação — da realidade pelos signos e a fragilização do poder crítico das formas de expressão estética.

Recorrendo a Foucault, Shapiro sustenta o argumento da necessidade do compromisso e do engajamento ético e político, no interesse da aproximação do verdadeiro e do real, que não se materializam nos discursos. Por isso, realçam-se, mais uma vez, os apelos e os desafios à Pedagogia Crítica e às práticas emancipatórias.

Os apelos socioeducacionais à Pedagogia Crítica fortalecem-se na tecedura do estudo de Tomaz Tadeu da Silva, "Sociologia da Educação e Pedagogia Crítica em tempos pós-modernos".

Silva relaciona questões pon-ais do pensamento pós-moderno e pós-estruturalista (observando a dificuldade de defini-los) com a "moderna" Sociologia da Educação e com os princípios da Pedagogia Crítica. Salieta, então, à luz de uma Teoria Cultural, a importância da luta que se trava pela educação, pela pedagogia e pelo currículo, para enfrentar a manipulação e a imposição de significados.

As articulações entre o processo crítico de teorização das questões educacionais e os fatores e interesses sociológicos, políticos, analíticos, práticos, normativos são mais explícitas na conjuntura pós-moderna. Mais explícita, também, é a consideração à cultura popular. No curso das análises, "continuidades e rupturas" vão se configurando pela crítica às metanarrativas e suas projeções no futuro da educação, do currículo e da pedagogia, superando os entraves ideológicos, implicando a reformulação do encaminhamento de questões, como as que se referem à consciência, à subjetividade, à diferença e à alteridade. As rupturas — que pre-

dominam sobre as continuidades — solicitam atenção aos pressupostos, aos questionamentos, à problematização que as envolvem. Essa solicitação é particularmente relevante, considerando-se que a teoria educacional crítica ainda está se construindo e que as contribuições do pensamento pós-moderno e pós-estruturalista a essa construção passam, necessariamente, pelo exame crítico e pela problematização.

A atenção ao conhecimento retorna na análise de Cleo H. Cherryholmes, quando discute "Um projeto social para o currículo: perspectivas pós-estruturais".

Distinguindo as questões específicas do ensino das que são específicas do currículo, Cherryholmes aprofunda questões conceituais. As visões estrutural e pós-estrutural (cujas perspectivas de interpretação dos signos reflitam concepções estruturalistas, superando, inclusive, modelos de análise linguística) são abordadas, antes de o autor chegar às posições de Foucault e às argumentações que ampliam as possibilidades críticas e a contextualização alcançadas pela análise dos discursos.

Essa contextualização é enfatizada por Cherryholmes na discussão sobre a "estrutura das disciplinas" e o caráter social e histórico da produção do conhecimento curricular, sustentando a importância de "um projeto social para o currículo" (p. 161), sem pretensões de elementos sólidos e imutáveis, assumindo, desse modo, o movimento e, portanto, as mudanças próprias da dinâmica social.

Nicholas C. Burbules e Suzanne Rice, em "Diálogo entre as diferenças: continuando a conversação", prosseguem a discussão, reunindo enfoques que questionam a sedimentação ou estabilidade de quadros de referências ou teorias explicativas do social. Assim, refutam, também, pelas limitações de alcance, perspectivas dogmáticas, como as do economicismo, do determinismo, ou do pessimismo de base marxista, aplicados à educação, e que não dão conta da complexidade e mobilidade do processo educativo.

Numa "visão panorâmica" do pós-modernismo (p.175), os autores identificam, então, temas

nodais, a exemplo da refutação dos absolutos (na racionalidade, na moralidade, nos quadros de referência) e do caráter hegemônico (absorvendo interesses de dominação e poder) dos discursos políticos e sociais e a afirmação das diferenças e da pluralidade.

O pós-modernismo — num sentido de continuidade — e o antimodernismo — num sentido de ruptura — são discutidos no percurso da análise, a qual se encaminha para as argumentações em favor da importância e da possibilidade do diálogo entre as diversidades e as diferenças, contribuindo para a identidade, para a auto e heterocompreensão e para o fortalecimento de processos comunicativos que se refletem na educação. E, sem "negar os frequentes fracassos do diálogo entre as diferenças", lembram oportunamente que "... o nosso objetivo educacional deve ser o de aprender a partir deles, de tentar evitá-los em futuros esforços e de avançar para além deles" (p.201).

As crescentes implicações da inserção social do processo educativo — na época a que se atribui, sem caracterizações definidas,

o qualificativo de "pós-moderna" — são também contempladas por Mustafa Ü Kiziltan, William J. Bain e Antia Cañizares M., em "Condições pós-modernas: repensando a educação pública".

O envolvimento da educação nas circunstâncias — culturais, políticas — da pós-modernidade, as junções dos discursos, as conexões com o científico, observada a crítica às fundações e ao estatuto do conhecimento científico, trazem desafios às práticas educativas. Esses desafios postos ao currículo, ao ensino e a problemas como o analfabetismo, a fragilização da autoridade e da disciplina, que se associam ao esvaziamento de pressupostos de natureza epistêmica ou metafísica) solicitam que se repense a educação, as ações, os discursos.

Esse repensar se impõe quando se trata de educação pública, formação discursiva e sua desintegração, cujos elementos de análise se inserem na crise das metanarrativas, das fundações, da razão, das "verdades" preestabelecidas e dos critérios de explicação e legitimação da ordem social.

Ainda no repensar, são reconsiderados o iluminismo e a "atitude limite", mediante a recuperação e revisão do pensamento kantiano e os subsídios que este oferece à concepção da educação pública e dos fatores do contexto social, ampliando o entendimento da mutualidade de influências.

Assim, ao pinçar — no âmbito especialmente vasto da discussão — alguns aspectos que caracterizam o percurso de análises de *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*, conclui-se, observando-se que, apesar das indefinições que caracterizam o significado e o conteúdo da pós-modernidade, esse livro aprofunda a compreensão de questões que, neste "tempo" histórico, acrescentam elementos à própria construção — em processo — da Teoria Crítica. A leitura completa do livro é, naturalmente, necessária, para que se possa perceber e dimensionar, mais amplamente, o alcance e a significância — social e pedagógica — dessa construção.

Mary Rangel  
Universidade Federal Fluminense  
(UFF)